O Candeeiro
Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas
Ano 18 · nº 2489
Janeiro/2025
Sagarana/MG
P1+2 Programa Uma Terra e Duas Águas
Minas Gerais

Corpo território: a arte de João Carlos em defesa do Vale do Urucuia

“Eu nasci em casa pelas mãos de dona Sabrina, a minha mãe de panha, foi um dos últimos partos feitos em casa na minha comunidade”. É assim que João Carlos Silva se apresenta ao falar sobre a sua história. Nascido e criado em Sagarana, distrito rural de Arinos (MG), ele é um dos caçulas de 6 irmãos de uma mãe agricultora familiar. João reflete que desde a infância aprendeu a perceber o mundo pelo olhar das mulheres a partir do cuidado. "Lembro, inclusive, de ter um relacionamento muito bonito com minha parteira atravessado pelos ensinamentos da poesia e da fé”, ele diz. Essa vivência permitiu a João construir uma relação de encantamento e de afeto com seu território. "Sempre me encantei muito com a arte nos fazeres diários, eu lembro de quando criança eu torrava farinha, quando dava dançava, e aquilo fazia o trabalho ganhar uma temporalidade muito única para mim, eu era um ótimo torrador de farinha".

A arte era a forma como João tentava compreender as emoções. Ele recorda que ainda na adolescência apresentou uma performance na escola da comunidade recitando uma poesia de Carlos Drummond de Andrade. "Eu nem sabia o que era performance, mas inventei aquela ideia para tentar passar a ideia do que eu senti ao ler a poesia". Ele pontua que sua mãe sempre reforçou a importância de dedicação aos estudos e a necessidade de sair de Sagarana para poder crescer na vida. Aos 18 anos, começou a trabalhar como educador no Centro de Referência de Acolhimento Psicossocial (CRAS) em Uruana de Minas (MG). "Entre as atividades realizei um teatro com os jovens e aquilo mobilizou muito as pessoas, me senti muito feliz e, pela primeira vez, entendi que poderia trabalhar com arte", afirma. Após essa experiência, João decidiu estudar Dança no Instituto Federal de Goiás, no município de Aparecida de Goiânia. Durante a graduação, ele foi aprovado em um estágio no Teatro de Leipzig, na Alemanha.

"Eu fui com muitas expectativas para a Alemanha, eu era casado e partilhava com o meu ex-companheiro, também brasileiro, de ficar no exterior para poder viver de arte", relembra. Segundo Joca, com o passar do tempo veio a sensação de deslocamento, de não ter um território ali. "Lá eu não estava na minha terra, era um sentimento de não ter nenhuma referência do que eu sentia, algo que pulsava dentro de mim na universidade no Brasil, ali eu era só mais um estrangeiro". Ao retornar, ele decidiu concluir a faculdade e voltar para Sagarana, o que provocou muita preocupação em sua família porque eles não conseguiam enxergar perspectiva de se fazer arte na zona rural. "A minha mãe ficou muito preocupada comigo, uma preocupação genuína, mas fruto de um processo das consequências da falta de políticas públicas dedicadas a fortalecer a construção de conhecimento na zona rural", pontua.

O retorno de João foi há 4 anos e desde então ele tem se dedicado a fortalecer a arte através do Ponto de Cultura de Sagarana. “Eu tenho a profunda vontade de estar provocando no meu território para ver o que acontece com arte e com cultura, eu não tenho a pretensão de mudar o mundo, mas quero afetar as pessoas daqui através do teatro, cinema, dança e da educação socioambiental, esse é um caminho importante para combater a discriminação racial, o machismo, a lgbtfobia", reforça o artista.

O contexto das mudanças climáticas têm imposto a João um novo olhar sobre o espaço que o cerca. De acordo com ele, há um chamado de socorro na natureza que vem sendo constantemente destruído. João tem trazido essas questões em sua arte através da performance, cerâmica e criação de máscaras de figuras folclóricas e de animais do Cerrado. "Quero pensar a cultura e a territorialidade, mostrar para as pessoas como é a imagem do Caboclo D'água em um rio que secou, como de certa forma ao cedermos a esse modelo de destruição estamos acabando com uma história e um imaginário coletivo sobre um território", reflete.

Para João a memória, a cultura e o território são coexistentes, precisam um do outro para existir. Segundo ele, a junção desse encontro está sendo pensada a partir da construção do Museu de Memória Viva em Sagarana, que seja pensado a partir do movimento e do caminhar, “Eu luto para que a minha terra seja um lugar que pulsa vida, e a vida convoca muitas coisas além de trabalho e comida, vida convoca arte e acredito na potência de tocarmos as pessoas dessa forma, com afeto”, defende João.